

**ARTEFATOS RELIGIOSOS COMO AGENTES:
A INTERSEÇÃO ENTRE ESTÉTICA, ESPIRITUALIDADE E CULTURA**

**RELIGIOUS ARTIFACTS AS AGENTS:
THE INTERSECTION BETWEEN AESTHETICS, SPIRITUALITY AND CULTURE**

**ARTEFACTOS RELIGIOSOS COMO AGENTES:
LA INTERSECCIÓN ENTRE ESTÉTICA, ESPIRITUALIDAD Y CULTURA**

 <https://doi.org/10.56238/sevened2025.026-006>

Maria Eduarda Campos Lima

UFRJ/IFCS. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Graduanda em Ciências Sociais
ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-3797-6519>
camposmariac@gmail.com

Ivana Araujo de Campos Oliveira

UERJ/FFP. São Gonçalo, RJ, Brasil. Doutora em Psicologia Social, mestre em Educação, graduada em Pedagogia e Gerontologia, cursando pós-doutorado em Políticas Públicas em Educação
ORCID: <https://orcid.org/0000-0000-0000-0000>
ivanaaraujocampos@yahoo.com.br

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar a interseção entre arte e religião sob a perspectiva antropológica de Alfred Gell (1998) em “A pessoa distribuída”, complementada por entrevistas com praticantes de diferentes tradições religiosas. Os artefatos religiosos são compreendidos não apenas como objetos estéticos, mas como elementos ativos na vida espiritual e social dos indivíduos. De natureza qualitativa, a pesquisa fundamenta-se em revisão bibliográfica, incorporando, além de Gell (1998), as contribuições teóricas de Latour (2008) e Vernant (1990, 1992). A investigação empírica revelou que católicos e adeptos de religiões de matriz africana atribuem às imagens religiosas um papel de mediação entre o humano e o divino. Nesse contexto, entende-se que as obras de arte são dotadas de um sistema de agência, sendo capazes de influenciar e moldar as experiências espirituais dos sujeitos. As imagens religiosas são percebidas como canais de comunicação e símbolos que conectam o sagrado à vida cotidiana, exercendo profundo impacto emocional, simbólico e cultural.

Palavras-chave: Artefatos religiosos. Sistema de agência. Divino. Imagens religiosas.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the intersection between art and religion from the anthropological perspective of Alfred Gell (1998), in "The Distributed Person", complemented by interviews with practitioners of different religious traditions. Religious artifacts are understood not merely as aesthetic objects but as active elements in the spiritual and social lives of individuals. This qualitative research is based on a literature review, incorporating, in addition to Gell (1998), the theoretical contributions of Latour (2008) and Vernant (1990, 1992). The empirical investigation revealed that both Catholics and followers of Afro-Brazilian religions attribute to religious images a mediating role between the human and the divine. In this context, works of art are endowed with a system of agency, capable of influencing and shaping individuals' spiritual experiences. Thus, religious images are perceived as



channels of communication and symbols that connect the sacred to everyday life, exerting a deep emotional, symbolic, and cultural impact.

Keywords: Religious artifacts. Agency system. Divine. Religious images.

RESUMEN

El presente estudio tiene como objetivo analizar la intersección entre arte y religión desde la perspectiva antropológica de Alfred Gell (1998), en "La persona distribuida", complementada por entrevistas con practicantes de distintas tradiciones religiosas. Los artefactos religiosos no se entienden simplemente como objetos estéticos, sino como elementos activos en la vida espiritual y social de los individuos. Esta investigación, de naturaleza cualitativa, se basa en una revisión bibliográfica que incorpora, además de Gell (1998), las contribuciones teóricas de Latour (2008) y Vernant (1990, 1992). La investigación empírica reveló que tanto los católicos como los seguidores de religiones de matriz africana atribuyen a las imágenes religiosas un papel de mediación entre lo humano y lo divino. En este contexto, las obras de arte están dotadas de un sistema de agencia, siendo capaces de influir y moldear las experiencias espirituales de los sujetos. Así, las imágenes religiosas se perciben como canales de comunicación y símbolos que conectan lo sagrado con la vida cotidiana, ejerciendo un profundo impacto emocional, simbólico y cultural.

Palabras clave: Artefactos religiosos. Sistema de agencia. Religiosidad. Imágenes.



1 INTRODUÇÃO

Em seu livro "Arte e Agência", Alfred Gell (1998) introduz a ideia de que artefatos não são meramente decorativos ou estéticos, mas desempenham o papel de uma figura ativa na vida social e espiritual das pessoas. O antropólogo argumenta que artefatos podem ser vistos como agentes que distribuem a identidade e a presença dos indivíduos ou entidades que representam. Este conceito é conhecido como "pessoa distribuída".

Segundo Gell (1998), os objetos de arte religiosos, como imagens sagradas, esculturas e objetos ritualísticos, funcionam como extensões das entidades espirituais ou divinas que estão representando. Esses objetos além de representar essas entidades, também materializam sua presença e influência, permitindo que os fiéis interajam com o sagrado de maneira tangível.

A teoria de Gell (1998) se baseia na ideia de que a agência não está limitada aos seres humanos, mas pode ser estendida aos objetos que mediam relações sociais e espirituais. Dessa forma, os artefatos religiosos se tornam mediadores poderosos que distribuem a presença espiritual através do tempo e do espaço, conectando os fiéis com o divino.

Outros autores, como Bruno Latour (2008) e Jean-Pierre Vernant (1990, 1992), também forneceram contribuições relevantes para entender como a arte e a religião interagem no mundo contemporâneo. A obra de Latour (2008), oferece uma reflexão crítica sobre o culto moderno de fetiches e a produção de imagens no contexto religioso e secular. Vernant (1990), por sua vez, traz uma perspectiva histórica e filosófica ao discutir as imagens e o mito na Grécia Antiga, em textos como *Do Duplo à Imagem de Mito e Pensamento entre os Gregos* (1990) e *Figuração e Imagem* (em *Revista Antropológica*, 1992).

Este artigo tem como objetivo explorar a interseção entre arte e religião a partir da perspectiva antropológica de Alfred Gell (1998) em seu livro "Arte e Agência" analisando como a arte pode ser entendida como um meio de agência religiosa, distribuindo a identidade e a presença de seres espirituais através de objetos. Na primeira parte do artigo foi realizada uma breve revisão bibliográfica sobre o tema trazendo a teoria de Gell como base e incorporando as contribuições teóricas de Latour e Vernant, na segunda etapa foram realizadas entrevistas com dez sujeitos praticantes do catolicismo e religiões de matrizes africanas onde apresentaram sua visão sobre o papel das imagens dentro da sua religião.

2 A ARTE E A RELIGIÃO

A relação entre arte e religião é um tema profundamente explorado na antropologia, pois oferece uma rica perspectiva sobre como os seres humanos criam e mantêm sistemas simbólicos e espirituais. Embora muitas vezes as imagens religiosas sejam vistas como elementos puramente estéticos ou representações de algo sagrado, elas desempenham um papel muito mais profundo,



servindo como mediadores e agentes que conectam o humano ao divino, organizando a experiência espiritual e sustentando a coesão social.

A partir da teoria de Gell em *Arte e Agência* (1998), podemos entender que os artefatos religiosos têm um poder ativo na organização da vida social e espiritual. Para Gell (1998), a arte não se limita a representar ou ilustrar uma visão de mundo; ela tem uma função que vai além da mera estética. Os artefatos artísticos, especialmente os religiosos, são agentes de ação, com o poder de influenciar as relações e comportamentos das pessoas. Gell (1998) introduz o conceito de "pessoa distribuída", sugerindo que as imagens religiosas, tais como ícones ou esculturas de santos, não são simples representações do sagrado, mas extensões do próprio divino. Estes objetos não apenas representam a divindade ou a força espiritual que evocam, mas também materializam essa presença, tornando o sagrado tangível e acessível aos fiéis.

Esse processo de mediação é crucial para a compreensão do papel das imagens religiosas. A arte religiosa cria um espaço no qual o divino e o humano podem se encontrar, estabelecendo uma relação simbólica que não só reflete a realidade espiritual, mas também a transforma e a reforça. Gell (1998), portanto, desafia a ideia de que a arte é apenas uma forma de representação passiva. Ele nos propõe que a arte religiosa deve ser vista como uma prática ativa, uma intervenção na realidade social e espiritual, que organiza as crenças, ações e rituais dos indivíduos.

Quando se aplica a uma análise sobre a relação entre arte e religião, Gell (1998) destaca como as manifestações artísticas, especialmente no contexto religioso, podem ser vistas como instrumentos de poder simbólico. Ícones religiosos, imagens de deuses, templos e outros artefatos espirituais são entendidos como formas de "arte de poder", que não apenas expressam crenças, mas têm o poder de mediar entre o humano e o divino. Esses objetos são, para Gell (1998), "artefatos agenciais", que funcionam como mediadores de experiências espirituais e transformadoras.

A arte religiosa, para Gell (1998), pode ser vista como uma maneira de estabelecer uma comunicação direta entre as pessoas e as divindades ou entidades espirituais. Ela possui uma agência que transcende sua mera estética, tornando-se uma ferramenta de mediação religiosa. No caso de ícones ou imagens sagradas, a arte pode ter um efeito de "presença" espiritual, no sentido de que, para os fiéis, estas representações podem operar como intermediárias de poder divino.

Na visão antropológica de Gell (1998), a arte religiosa não é apenas uma maneira de representar o transcendente, mas também um modo de transmitir significados profundamente enraizados em sistemas simbólicos de crença. Esses significados são veiculados de forma visual, muitas vezes de maneira não verbal, permitindo que a arte religiosa atue como um elo entre a experiência humana e a ordem divina. O objeto artístico, então, torna-se um meio pelo qual os significados religiosos podem ser acessados e vivenciados.

Gell (1998) também propõe que a experiência da arte religiosa depende da interação do observador com a obra. Em contextos religiosos, a recepção de uma imagem ou símbolo pode invocar respostas espirituais, afetivas ou até transformadoras nos fiéis, sendo um componente vital da prática religiosa. Para Gell (1998), isso implica que a agência da obra de arte não está restrita ao seu criador, mas também é moldada pela interpretação e pela experiência do observador.

Em muitas culturas, por exemplo, a veneração de imagens religiosas não se dá apenas por uma apreciação estética, mas por uma crença profunda de que essas imagens possuem uma força que pode influenciar o mundo espiritual. Assim, a arte religiosa tem o poder de reforçar a fé, de aproximar os indivíduos de um estado espiritual elevado, ou mesmo de atuar como um canal de comunicação entre o terreno e o divino.

A reflexão de Latour (2008), expande essa ideia ao abordar a relação contemporânea com as imagens e a iconoclastia (destruição de imagens) nas sociedades modernas. Latour (2008) analisa como a destruição e a veneração de imagens estão interligadas em uma dinâmica que vai além do simples culto a objetos ou ícones. Em vez de considerar a destruição de imagens apenas como um ato de rejeição ou crítica ao sagrado, Latour (2008) sugere que o culto das imagens continua a ser um fenômeno central, mesmo em sociedades que se consideram seculares. Ele propõe que as imagens religiosas, e mais amplamente os ícones culturais e políticos, têm o poder de mobilizar e transformar a realidade social. Mesmo em um mundo moderno em que a religião tradicional perdeu parte de sua centralidade, as imagens continuam a desempenhar uma função fetichista, em que os objetos e símbolos tomam para si uma agência que organiza as relações de poder, identidade e cultura.

Latour (2008) também critica a ideia de que as imagens religiosas são apenas “falsas” ou “ilusórias”. Para ele, as imagens têm uma força simbólica que pode ser transformadora, seja para a adoração e o culto, seja para a construção de identidades coletivas e a organização de realidades sociais. Ele observa que, no mundo moderno, não estamos mais apenas lidando com imagens religiosas tradicionais, mas com fetiches contemporâneos, que vão desde a mídia de massa até os ícones de poder político e social.

Mesmo nas sociedades contemporâneas, a adoração das imagens, seja por meio da mídia, da tecnologia ou do consumismo, permanece uma força significativa, que, de maneira semelhante ao culto religioso, continua a mediar a relação entre o coletivo e o sagrado. O fenômeno das novas religiões e símbolos sagrados emergentes aponta para a urgência de criar espaços de diálogo e aprendizado que promovam a convivência harmoniosa e o respeito à pluralidade de crenças (Dos Santos et al, 2024).

Por outro lado, Jean-Pierre Vernant, em *Do Duplo à Imagem de Mito e Pensamento entre os Gregos* (1990) e *Figuração e Imagem* (1992), oferece uma análise sobre o papel das imagens na cultura grega antiga, especialmente em relação ao mito e à religião. Vernant (1990, 1992) argumenta que, para os gregos, as imagens não eram simples representações do divino, mas instrumentos de pensamento e



reflexão. As figuras mitológicas e as imagens de deuses nas culturas antigas não apenas representavam uma entidade ou força sobrenatural, mas estavam intrinsecamente ligadas à estruturação do pensamento humano sobre o mundo. Para os gregos, as imagens de deuses e heróis não apenas expressavam crenças, mas também eram meios de organizar a realidade, ajudando a estruturar a compreensão social e política.

Em seu trabalho, Vernant (1990, 1992) também discute como as imagens gregas não estavam isoladas da prática social, mas estavam imersas em rituais e mitos que davam sentido à vida cotidiana. A relação entre mito, pensamento e imagem é central para entender como a arte religiosa funcionava na Grécia Antiga. As imagens, como os templos e as esculturas de deuses, não eram meramente objetos de veneração, mas representações que ajudavam a estruturar a experiência religiosa e a vida social dos gregos. Organizando a percepção coletiva do divino, conectando os indivíduos ao mundo mitológico e espiritual.

A relação entre arte e religião na Grécia antiga, como aponta Vernant (1990), era dinâmica e interativa, e as imagens desempenhavam uma função prática de mediadoras entre os seres humanos e as divindades. Essa dinâmica é particularmente interessante, pois se contrasta com a visão moderna de arte religiosa, que tende a ser mais passiva ou contemplativa. No entanto, a ideia de que a arte religiosa tem uma função ativa, seja na Grécia Antiga ou nas sociedades contemporâneas, encontra paralelos com a visão de Gell (1998) sobre a agência da arte.

Ambos os pensadores, Gell (1998) e Vernant (1990), sugerem que a arte religiosa tem uma função estruturante no sentido mais amplo. Se, para Gell (1998), a arte é um meio de distribuição da presença divina através da "agência" de objetos sagrados, para Vernant (1990), as imagens têm o poder de organizar a realidade e o pensamento. Embora seus enfoques sejam distintos, ambos reconhecem o papel da arte religiosa como um elemento ativo na mediação das relações sociais e espirituais. Essas imagens não são apenas passivas, mas atuam como mediadores e canais de comunicação que formam o ponto de encontro entre os seres humanos e o divino.

3 O PAPEL DAS IMAGENS SAGRADAS NAS TRADIÇÕES RELIGIOSAS NA VISÃO DE SUJEITOS PRATICANTES DAS RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS E CATÓLICA

Com o objetivo de compreender a influência das imagens nas crenças e na religiosidade realizou-se entrevistas semiestruturadas com dez sujeitos que concordaram em participar voluntariamente. Compreendendo-se que praticantes das religiões católica e de matrizes africanas possuem forte relação com as imagens sagradas, foram elaboradas questões semelhantes sobre o papel das imagens sagradas nas tradições de suas religiões e a influência delas na sua crença. Apresenta-se a partir daqui os resultados e as análises das falas dos católicos e dos praticantes de religiões de matrizes africanas, citando-se as semelhanças e diferenças nas respostas.

Quando perguntados sobre o papel das imagens sagradas em sua tradição religiosa e sobre como essas imagens influenciam as crenças dos fiéis, a maior parte dos respondentes católicos cita que as imagens são uma forma de se comunicar com o sagrado, são uma ponte com o divino, com o sagrado, que as imagens sagradas desempenham um papel significativo na tradição religiosa católica, servindo como instrumentos de devoção e catequese. Elas não são veneradas em si mesmas, mas sim como representações visuais de figuras sagradas que ajudam os fiéis a direcionarem suas orações e aprofundar sua fé.

Os praticantes das religiões de matriz africana corroboram com essa ideia, embora usem vocabulário diferenciados, pois falam nas imagens como representação de uma energia divina, acreditam que a imagem reforça a crença nos Santos e Guias, e de certa forma os materializa, além de funcionar como um ponto de força dentro das casas/centros religiosos. São pontos de adoração, receptáculos de oferendas e funcionam como para-raios para absorver e transformar as energias negativas. Comprovando que os humanos muitas vezes necessitam de algo material para auxiliar nessa conexão com essa energia sagrada e funciona, também, como uma simbologia.

Em relação à função das imagens religiosas na vida de cada um e seu significado pessoal ou coletivo, cita-se abaixo alguns trechos dos relatos dos entrevistados considerados essenciais para a compreensão da temática estudada:

“Eu tenho uma forte ligação com as imagens, tem a ver não só com a religião, mas com minha formação cultural. Falo com as imagens que tenho em um altar em casa, agradeço, peço alguma graça”

“Fortalece minha fé, me aproxima do sagrado”

“As imagens sacras possuem um valor pessoal, auxiliando o cristão católico na sua vida oração e elevação espiritual. Entretanto, possui também um grande valor coletivo”

“Representam o significado da existência delas (as entidades) um dia na terra”

“Tem muito significado para nossa família além de proteger-nos de possíveis energias negativas de fora que possam tentar nos afetar também equilibra a nossa própria energia, sendo assim diria que a imagem possui um significado coletivo”.

“Eles manifestam a presença e intervenção divina/ancestral em nossas vidas”.

“Interpreto como uma simbologia, algo que auxilia a minha conexão o sagrado. Pra mim elas têm um significado pessoal, mas que também pode ser compartilhado com as pessoas que professam dessa mesma fé”

Observa-se que os objetos trazem representatividade para uma comunidade religiosa, confirmam a fé de um povo e auxiliam na identificação de outros membros de acordo com a pesquisa empírica realizada. Sua simbologia representa a intervenção divina. De acordo com o que foi pesquisado nos estudos de Latour (2008) as imagens têm uma força simbólica que pode ser

transformadora, seja para a adoração e o culto, seja para a construção de identidades coletivas e a organização de realidades sociais.

As imagens religiosas realmente exercem influência uma forte influência sobre as crenças e o comportamento dos indivíduos por meio de diversos mecanismos psicológicos e sociais. Para os católicos é uma forma de glorificar a Deus e aos santos, de materializar a fé em um objeto considerado sagrado, sendo condutoras quando estão em oração. Representam o divino. Praticantes do catolicismo explicam que elas funcionam como símbolos visuais que evocam sentimentos de devoção, conforto e conexão espiritual. Ver uma imagem sagrada pode despertar uma resposta emocional, reforçando a fé e estimulando práticas religiosas, como orações, meditação e participação em rituais.

Os participantes da pesquisa acrescentam que do ponto de vista educativo, as imagens servem como ferramentas de catequese, ajudando a transmitir histórias e valores religiosos, especialmente em contextos onde o acesso à leitura ou aos textos sagrados pode ser limitado. Elas simplificam e tornam tangíveis conceitos complexos, ajudando os fiéis a internalizarem as narrativas e os ensinamentos religiosos de forma mais acessível. Isso vem de encontro com o que Vernant (1990; 1992) afirma em relação às imagens terem o poder de organizar a realidade e o pensamento.

Além disso, a presença constante de imagens religiosas em espaços de culto e em lares influencia o comportamento ao lembrar os fiéis de viverem de acordo com os princípios da sua fé. As imagens dos santos, por exemplo, muitas vezes são vistas como exemplos de virtudes a serem imitadas, como a caridade, a humildade e a coragem. Esse poder de evocação também pode criar um senso de comunidade e identidade coletiva, unindo os indivíduos em torno de símbolos e práticas comuns. Sobre essa questão dos artefatos, Gell (1998) introduz a ideia de que não são meramente decorativos ou estéticos, mas tem o papel de desempenhar uma figura ativa na vida social e espiritual das pessoas.

Os entrevistados praticantes de Religiões de Matriz Africana compreendem que na sua fé o contato com Santos e Entidades se dá através da incorporação, porém não é algo que acontece todos os dias. E assim como se comportam de maneira respeitosa durante as incorporações, se comportam também diante das imagens. Outros explicam que realizar preces, oferendas e rogações nos sacrários são modos concretos de transformar sentimentos, pensamentos, comportamentos e, também, transformar efeitos externos indesejáveis. Destacam que é mais fácil ter algo palpável que faça referência a sua fé do que algo que está só na mente.

Os rituais de adoração às imagens aparecem tanto na religião católica quanto nas de matrizes africanas como algo de certa forma condenável, porém todos acabam fazendo. A maior parte dos participantes entende que as imagens são apenas simbologia, mas admitem que as envolvem em seus rituais de fé. Seguem abaixo alguns pontos importantes das falas dos participantes da pesquisa que confirmam essa controvérsia entre não poder adorar imagens e realizar rituais onde a adoração acaba ocorrendo em momentos de manifestação de fé.



“Para quem foi criado rezando, pedindo e agradecendo através das imagens, ir a um templo sem imagens é estranho. Parece que falta algo”

“As imagens nos aproximam dos santos, como se pudéssemos falar com eles através delas, converso com elas em minhas orações”

“Na Igreja Católica, as imagens são objetos que por si só não tem poder e não podem ser adoradas, mas que excitam a fé humana. Tradicionalmente, festejamos a vida desses homens e mulheres (Santos) com procissões, onde com os andores ornados com flores, caminhamos pelas vias públicas, em sinal profético que estamos caminhando para o céu, sob a intercessão dessas pessoas”

“...há quem se considere mais devoto por possuir imagens exuberantes, mas essas pessoas na verdade não entendem muito sobre a mensagem da umbanda e não devem ser usadas como exemplo de maioria”

“Me posiciono em frente a imagem de um Orixá específico, acendo uma vela, faço uma oração ou canto uma cantiga de louvor a ele. A imagem me ajuda a me direcionar para aquela energia que ela representa”

Um outro ponto importante citado pelos entrevistados católicos e umbandistas é em relação ao sincretismo religioso que surgiu no Brasil e que envolve exatamente as imagens de santos católicos que passaram a ter representatividade para os rituais da umbanda. Comentam que a questão da idolatria e o uso de imagens católicas em religiões de matriz afro é um tema complexo que reflete a interação histórica e cultural entre o cristianismo e as tradições religiosas africanas trazidas para as Américas.

Um entrevistado comenta que *“Isso resultou em um sincretismo religioso, no qual santos católicos eram associados a orixás e divindades das religiões de matriz afro, como no candomblé e na umbanda. Por exemplo, São Jorge é frequentemente associado a Ogum, o orixá da guerra e da tecnologia, e Nossa Senhora Aparecida é relacionada a Oxum, a deusa das águas doces e da fertilidade”*.

Na perspectiva católica oficial, a veneração das imagens não é considerada idolatria, pois a Igreja ensina que as imagens são um meio de honrar os santos e os eventos sagrados que representam, e não objetos de adoração em si. No entanto, a relação das imagens católicas com as religiões de matriz afro evidencia a diversidade de interpretações e a riqueza cultural que surge da interação entre diferentes tradições religiosas. Isso levanta discussões sobre identidade, sincretismo e a maneira como as imagens religiosas podem assumir múltiplos significados em contextos diversos, desafiando fronteiras teológicas e culturais.

Uma das entrevistadas, representante das religiões de matriz africana, relata que

“A Umbanda veio através do sincretismo no Brasil e utiliza imagens de Santos católicos, algumas pessoas que seguem a linha de umbanda cruzada com o candomblé defendem o uso da imagem dos Orixás Iorubas, alegando a falta de necessidade de manter o uso destes Santos católicos nos tempos atuais. Porém, mesmo sendo devota aos Orixás, acredito que religiões



possuem tradições e que a umbanda é o que é a décadas e as pessoas devem ter liberdade para seguir o que acreditam”.

Perguntados sobre quais são os principais símbolos religiosos em seu cotidiano os entrevistados citaram:

Católicos:

“A imagem de Cristo na cruz, de Nossa Senhora, e dos Santos”

“O terço, imagens de Nossa Senhora, de Jesus Cristo, da sagrada família”.

“Jesus Crucificado”

Religiões de Matriz Africana:

“Os pontos riscados”.

“Imagens, quadros, roupas, assentamentos e alguidares, formas de agrado as entidades...”

“Imagens de orixás ou entidades, velas, roupas brancas, atabaque, ferramentas de orixá.”.

Compreende-se que não se trata tanto de envolvimento emocional ou simbólico, mas de materialidade convidadas e praticadas para um processo de transformações contínuas. Em relação a arte e religião no sentido cultural e como forma de comunicação divina, os participantes da pesquisa demonstraram uma grande valorização da arte em seu sentido cultural e ao mesmo tempo no sentido divino. Os católicos explicaram que a arte sempre foi muito valorizada por praticantes da religião e que historicamente muitos artistas de enorme valor eram católicos. Vejamos abaixo alguns trechos das falas de três participantes católicos sobre esse tema:

A arte sempre foi muito importante para os católicos. A arte sacra é uma manifestação artística. Diversos pintores e escultores ficaram famosos por esse tipo de arte, tais como: Leonardo da Vinci, Michelangelo, no Brasil O Aleijadinho...muitos e muitos. Então, sim, a arte é uma comunicação com o Divino na religião católica

A arte sacra representa a nossa cultura, que foi trazida pelos colonizadores, e que podemos observar nas igrejas do período barroco, principalmente. Faz parte da nossa história e da nossa cultura. A arte sacra nos aproxima do sagrado, do divino.

Na cultura católica a arte é muitas vezes entendida como uma manifestação do belo que reflete a glória de Deus. Grandes mestres como Michelangelo e Rafael criaram obras que transcendem o tempo, tocando o espírito humano e provocando admiração que remete ao divino. O teto da Capela Sistina, com suas cenas impressionantes da Criação e do Juízo Final, é um exemplo de como a arte pode ser vista como uma forma de comunicação divina, elevando a mente dos fiéis ao contemplar os mistérios da fé.

Na tradição cultural e religiosa, especialmente em contextos como o catolicismo e as religiões de matriz cristã, a arte tem historicamente desempenhado um papel vital na expressão e transmissão da fé. A relação entre arte e religião é profunda, com a arte frequentemente vista como um meio de comunicação divina, uma ponte entre o terreno e o transcendente. Obras de arte, como pinturas, esculturas e vitrais em igrejas, não apenas embelezam os locais de culto, mas servem como ferramentas pedagógicas que transmitem histórias bíblicas, valores espirituais e exemplos de virtude. as ações



religiosas são manifestações que constituem através de um ritual que muito se encontra em torno de um mito, e materializada através de ações ritualísticas. Os ritos, de forma geral, se manifestam através da arte, sobretudo os diferentes elementos que se encontram interligados à arte de uma linguagem simbólica (Lima, 2024).

Ao analisar as respostas dos entrevistados das religiões de matriz africana, percebe-se que há muitos pontos convergentes, apesar das diferenças nas práticas espirituais. Vejamos algumas das respostas relevantes sobre a temática arte e religião e a comunicação espiritual:

A arte e a cultura são bases fundamentais das religiões de matrizes africanas, temos a música onde nossos instrumentos são lidos como divindades, a dança é muito usada pelas entidades que vem em terra, as comidas são tradicionais. É muito comum que façamos festas em homenagem a Eles com dança, música e comida de seu agrado. Existe uma relação direta. Como por exemplo nos toques de atabaque, canto de cantigas, danças, produção artesanal de fios de conta, até a culinária é feita de forma artística, se preocupando com cada detalhe visual de uma comida de santo.

Para os sujeitos da pesquisa que são do grupo que se declaram como católicos as imagens religiosas ainda possuem poder e relevância nas crenças das pessoas na sociedade contemporânea e apesar da condenação de algumas religiões, ainda há muitas pessoas que sentem a necessidade de imagens na sua fé. Elas estão ligadas a aspectos culturais, além dos religiosos. Dessa forma, compreendem que a arte sacra ainda tem muita influência, seja pela beleza, pela curiosidade, ou mesmo pela crença que ainda aproxima as pessoas no que diz respeito à essa ligação das imagens com o sagrado.

De acordo com o pensamento dos católicos entrevistados conclui-se que a arte na Igreja Católica, em sua essência, tem a função de educar, inspirar e elevar espiritualmente. Ela não é apenas decorativa, mas sim um meio de conduzir os fiéis a uma experiência mais profunda do sagrado. Além disso, a arte sacra continua a evoluir e a encontrar novas expressões no mundo, seja por meio de interpretações contemporâneas em igrejas modernas ou por meio da preservação e restauração de obras-primas antigas. Ela permanece uma forma de conectar gerações passadas e presentes em uma herança comum de fé, beleza e transcendência.

Dentro da temática de arte e religião e da comunicação religiosa através da arte na contemporaneidade, os religiosos de matrizes africanas apresentaram importantes considerações, para eles, a religião segue tradições e suas crenças têm bases fundamentadas. Destacaram que nas religiões de matriz africana a tradição é muito importante, pois os reafirma enquanto religiosos e ajuda a combater a intolerância religiosa que sofrem até os tempos de hoje. Assim sendo, tudo o que é arte e cultura tem seu valor e tudo é divino no entendimento deles: imagem, comida, música, dança, vestimentas...entre outras formas de expressão artística e cultural. Demonstraram preocupação com o espaço que vêm perdendo com o crescimento do cristianismo evangélico porque traz junto com ele



perseguição e preconceito em relação aos rituais religiosos e às imagens que utilizam através de roupas, artefatos e tudo mais.

Católicos e praticantes das religiões de matriz africana apresentam questões que estão bem próximas das pesquisas de Gell (1998) e Vernant (1990), pois esses teóricos sugerem que a arte religiosa tem uma função estruturante no sentido mais amplo, que a arte é um meio de distribuição da presença divina através da "agência" de objetos sagrados, e que as imagens têm o poder de organizar a realidade e o pensamento. Tantos os dois autores quanto os sujeitos da pesquisa empírica reconhecem o papel da arte religiosa como um elemento ativo na mediação das relações sociais e espirituais onde as imagens não são passivas, pois realizam a mediação, comunicação dos seres humanos e o divino.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar a interseção entre arte e religião a partir da perspectiva antropológica proposta por Alfred Gell (1998), complementada por entrevistas com praticantes de distintas tradições religiosas. A investigação bibliográfica permitiu aprofundar a compreensão crítica da noção de agência atribuída às imagens religiosas, destacando como, no contexto do sagrado, a arte transcende sua função estética e representacional para se constituir como mediadora ativa entre o humano e o divino.

A partir da obra de Gell (1998), compreende-se que os artefatos religiosos operam como extensões da pessoa e como centros de agência distribuída. Essa concepção foi enriquecida pelas contribuições teóricas de Jean-Pierre Vernant (1990), que problematiza a função simbólica da imagem na cultura grega antiga, e de Bruno Latour (2008), cuja teoria ator-rede reforça a ideia de que objetos não humanos participam de redes de ação e significado.

No plano empírico, a análise das entrevistas realizadas com católicos e praticantes de religiões de matriz africana evidenciou a consonância entre a experiência vivida dos sujeitos e os pressupostos teóricos de Gell. Os participantes atribuíram às imagens religiosas um papel ativo na mediação espiritual, descrevendo-nas como dotadas de presença, agência e capacidade de influenciar suas práticas devocionais e percepções do sagrado. Esses relatos confirmam que as imagens não são percebidas apenas como símbolos visuais, mas como agentes com os quais se estabelecem relações complexas, afetivas e transformadoras.

Dessa forma, conclui-se que arte e religião, sob a ótica antropológica aqui adotada, entrelaçam-se em uma dinâmica de poder simbólico, agência e experiência. As imagens religiosas revelam-se como dispositivos centrais na construção de mundos espirituais e sociais, sendo fundamentais para a compreensão das formas pelas quais os indivíduos vivenciam e atualizam suas crenças. Esse entrecruzamento sugere que o estudo da arte religiosa demanda uma abordagem que considere não



apenas os aspectos estéticos ou históricos, mas também os modos pelos quais tais objetos agem no e sobre o mundo, constituindo-se como elementos vitais na vida espiritual e cultural dos sujeitos.



REFERÊNCIAS

DOS SANTOS , Francisco Éder Santos; JUNQUEIRA , Sérgio Rogério Azevedo; DA CRUZ , Raqueline Brito; LINS , Thaís de Lima; CARVALHO , Amanda Wanessa Silva; MONTEIRO , Júlia Gabriela Leão; SALES , Alex Coimbra; MARQUES , Paula Soares Rodrigues; SILVA , Raimundo Arcélio Gato. Educação não formal: exposição “símbolos sagrados das religiões: conhecer para respeitar e conviver em paz”. ARACÊ , [S. l.], v. 6, n. 4, p. 14790–14812, 2024.

GELL, Alfred. A pessoa distribuída. In Arte e agência. Editora Ubu, pp. 155-233. 1998.

LATOUR, Bruno. O que é iconoclash? Ou, há um mundo além das guerras de imagem? Horizontes antropológicos. ‘Antropologia e arte’. Ano 14, No 29. 2008.

LIMA, Terezinha do Socorro da Silva; ALVES, Elaine Vasconcelos Bezerra. A performance ritualística da cantora Clementina de Jesus: elementos de sustentação de uma ancestralidade. LUMEN ET VIRTUS, [S. l.], v. 15, n. 43, p. 8760–8767, 2024.

VERNANT, Jean-Pierre. Do duplo à imagem, in Mito e Pensamento entre os GREGOS, 303-330. 1990.

VERNANT, Jean-Pierre. Figuração e imagem. Revista de Antropologia, Vol.35, pp.113-128. 1992.